

## DICIONÁRIO DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Pedro Jorge Salvador  
Prof. Dr. de Teoria Literária e Literaturas  
Instituto de Letras – Universidade de Brasília

Carlos Drummond de Andrade, no dizer de José Guilherme Merquior<sup>1</sup>, “...é muito mais que um bom escritor. É um grande praticante da poesia como jogo do conhecimento e da sabedoria”.

Como afirma Afrânio Coutinho<sup>2</sup>, “ Desde 1930, quando estreou em livro, a figura de Carlos Drummond de Andrade não parou de crescer, projetando-se na Literatura de seu país como das maiores da poesia lírica brasileira.”

Sua obra é vastíssima, abrangendo Poesia, Crônica, Conto, Historinhas, Tradução e Correspondência.

Imenso é o seu “ reino das palavras “, com referências as mais diversas, tais como: artistas e obras de arte, aspectos econômicos e financeiros, folclore, mitos e lendas, aspectos psicológicos e doenças, bebidas e drogas, comidas, construção, cores, corpo humano, dias da semana, tempo, clima, datas, Deus e o Diabo, documentos, entretenimento, espaço celestial e geográfico, estabelecimentos, família, fatos históricos, flora, fauna e minerais, fenômenos da natureza, filosofia e existência, formações urbanas, hábitos e costumes, lexicografia poética, lingüística, meios de comunicação e transporte, móveis e utensílios, música, nacionalidade e etnias, neologismo, arcaísmos e estrangeirismos, pessoas, política, economia e direito, problemas sociais, profissões, religião, tecnologia e ciência, tipos sociais, formas de tratamento, unidades de peso e medida, vestimentas e acessórios, vocabulário bélico, amor e ódio, morte e vida, os cinco sentidos, e outras possíveis mais.

A maioria dos críticos e estudiosos de Drummond tem-se dedicado aos aspectos nitidamente literários, temáticos, estilísticos e lingüísticos. No entanto, todo o universo das referencialidades em Drummond carece de uma localização, identificação, explicação e, às vezes, ilustração. A fim de preencher essa lacuna, a referencialidade é o objetivo desta pesquisa.

Com fundamento nos ensinamentos de Roland Barthes<sup>3</sup>, em *S/Z*, que propõe o estilhaçar do texto literário em “ lexias “, buscando a leitura dos possíveis “ códigos “, de que se compõe a obra literária, detive-me nos “ códigos culturais “ ou “ gnômicos “, exatamente os que se prendem à

---

<sup>1</sup> MERQUIOR, José Guilherme. *Verso universo em Drummond*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p.245

<sup>2</sup> COUTINHO, Afrânio. Nota editorial à *Obra completa de Carlos Drummond de Andrade*. Volume único. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. p.11-12

<sup>3</sup> BARTHES, Roland. *S/Z*. Lisboa: Edições 70, 1980, p.22-23.

referencialidade - o saber codificado-, com o objetivo de propor um Dicionário de Drummond, organizado em verbetes, na ordem alfabética, esclarecedores de toda essa referencialidade, com sua recorrência.

Lembro, ainda, que grande parte da obra de Drummond já está traduzida em diversos países. Assim, o Dicionário de Drummond atenderá às necessidades de consulta dos leitores, dos estudiosos e dos pesquisadores, não só em nosso país, como também no âmbito internacional, constituindo-se em obra de consulta de assuntos até então dispersos, ou não decifrados ainda. Poderá também se constituir em sugestiva fonte de novos estudos da obra drummondiana.

Para o presente Congresso da ABRALIC, exemplifico a leitura de *Alguma poesia*, primeira obra do poeta, nos moldes aqui estabelecidos, propondo uma nova perspectiva de interpretação para o “gauche” em função da recorrência de Deus e o Diabo na poesia de Drummond, o que provoca uma nova perspectiva de leitura da obra poética drummondiana.

Quando iniciei a pesquisa, saltou aos olhos que “Poema de sete faces”, que abre *Alguma poesia*, apresenta 7 ( sete ) estrofes. O curioso é que o livro possui 49 ( quarenta e nove ) poemas, ( após a inclusão de “Outubro 1930 “) número múltiplo de 7( sete ) :  $7 \times 7 = 49$ . O poema “ No meio do caminho “, tão consagrado na obra de Drummond, pelas inúmeras controvérsias críticas, apresenta-se com os substantivos “ meio, caminho, pedra “, bem como o verbo “ tinha “ as contrações prepositivas “ do e no “ e o artigo “ uma “, repetidos 7( sete ) vezes. São 7 ( sete ) palavras repetidas 7 ( sete ) vezes. Observa-se também que o poema contém 10 ( dez ) versos . É constituído por 3 ( três ) versos : no meio do caminho tinha uma pedra – nunca me esquecerei desse acontecimento – na vida de minhas retinas tão fatigadas – que se conjugam com mais 7 ( sete ) em repetição.

Pelos ensinamentos da Cabala<sup>4</sup>, o número 7( sete ) é o desenvolvimento do número 3 ( três ) princípio dominando os quatro elementos ; a aliança da idéia e da forma. Representa esse número o poder mágico em toda a sua força; encontramos-lo nos 7 dias da Criação, nos 7 sons da escala musical, nas 7 cores do arco-íris, nos 7 sacramentos, nas 7 virtudes, nos 7 vícios, nos 7 dias da semana. Já o número 10 ( dez ) representa a eternidade; é o número do ciclo perfeito, e pode ser representado por uma circunferência com um ponto no centro. Esse ponto simboliza Deus, a Unidade Infinita, o Princípio de todas as coisas e a circunferência é o símbolo do Universo.

Ora, tais comentários surgiram em consequência da observação da referencialidade. Como o poema “ No meio do caminho “, tornou-se central na poética de Drummond, dada a sua repercussão,

---

<sup>4</sup> LORENZ, Francisco Valdomiro. *Noções elementares de Cabala*; a tradição esotérica do ocidente. São Paulo: Editora Pensamento, [s.d.].

poderia estabelecer os sentidos cabalísticos nele contidos: poder mágico, eternidade, ciclo perfeito, aliança da idéia e da forma, a pedra no centro simbolizando Deus, a Unidade Infinita, o Princípio de todas as coisas, a forma circular, pelo girar contínuo e repetitivo, em torno de um centro – a pedra -, simbolizando o Universo.

Já no “ Poema de sete faces “, com o úmero 7 representando o poder mágico em toda a sua força, observo que Deus aparece 3 vezes ( Meu Deus , duas vezes, Deus, uma vez ) enquanto o diabo também ocorre 3 ( três ) vezes : ( anjo torto, gauche , diabo ). Temos assim uma igualdade de referências, o que pode sinalizar para um estado de neutralidade do sujeito-lírico diante da questão, ainda que haja uma pitada de humor no processo poético.

Interpreto o “ gauche “ como figura demoníaca, pelas seguintes ponderações:

- 1- Causava-me estranheza que a crítica não mais se debruçasse sobre os sentidos do “ gauche “, admitindo-se, de um modo geral, quase unânime, como “ canhestro, desajeitado, inadaptado, estranho, desajustado, ex-cêntrico, anti-herói...).
- 2- A figura do anjo torto, que vive na sombra, e diz ao poeta : Vai, Carlos ! Ser gauche na vida , é, sem dúvida, diabólica, pois os anjos das sombras são referenciados como demoníacos, na antinomia luz/trevas: luz, relacionando-se com Deus; trevas, com Demônio.
- 3- A nítida influência de William Blake, em Drummond, a ponto de nomear o terceiro poema de *Alguma Poesia*, com o título da obra de Blake *The marriage of Heaven and Hel*, “ Casamento do céu e do inferno”, em que anjos demoníacos inspiram Blake, admitindo que um poeta autêntico tem parte com o Demônio, sem sabê-lo. Como afirma Blake:<sup>5</sup> “ A razão pela qual Milton escreveu em grilhões sobre Anjos e Deus, e em liberdade sobre Demônios e Inferno, está em que ele era um Poeta autêntico e tinha parte com o Demônio, sem sabê-lo.
- 4- Nas buscas das referencialidades, observo que Drummond só usou o “ gauche “, no “ Poema de sete faces “, abertura de *Alguma poesia* , não tendo mais explicitamente usado tal palavra. No entanto, em *Poesia errante* <sup>6</sup> obra póstuma, publicada em 1988, pela Record, no poema “ História do milagre do castelo” em que a figura do Demônio sorri entre as estantes, e a voz da sibila Ruth prevenira : “ Ó maninha, cuidado que o boto, o gauche, o tal Canhoto/ ou que nome tenha em *ond ou ade*, cheio de astúcia e de mentira,/ te faz ua maldade. Ele virá, ele

---

<sup>5</sup> BLAKE, William. *O matrimônio do céu e do inferno*. Edição bilíngüe. Tradução de José Antônio Arantes. São Paulo: Iluminuras, 1987, p.14.

<sup>6</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia errante*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. p.122-125.

virá de lira/em punho, o safadinho, / entoando a canção da pedra no caminho...”, encontro, com todas as letras o “*gauche*”, em nítida referencialidade à figura do Demônio, que vem nominado no texto sob as mais variadas formas: Canhoto, Capeta, Bicho Torto, Traste Ruim, Malandro, Danado, Pé-de-Pato, o Sujo, o Excomungado, Anjo Mau, Bute. Note-se, especialmente, que o próprio poeta Drummond de Andrade identifica-se no discurso poético, pela inserção de “ond” ( Drummond ) e “ade” ( Andrade ), no contexto demoníaco, fato que, sem dúvida, legitima a interpretação de “demoníaco”, para a linha poética de Drummond, uma vez que o próprio poeta assim se denominou, poeticamente.

Portanto, não só pela possível influência de William Blake, posso estabelecer a relação *gauche* = demônio, como também pela própria referencialidade proposta pelo poeta, no poema citado. Poderia, ainda, buscar possíveis relações com Anatole France, em *La révolte des Anges*, dada a aproximação de Drummond, em sua mocidade, com Anatole France, aproximação essa, tão repudiada por Mário de Andrade. Outros poetas, como Baudelaire<sup>7</sup> em *Les Fleurs du Mal*, no poema L’Albatros “Ce voyageur ailé, comme il est gauche et veule!” e Arthur Rimbaud em *Les Illuminations*, no poema “Antique” “Promène-toi, la nuit, la nuit, en mouvant / doucement cette cuisse, cette seconde / cuisse et cette jambe de gauche.” Os sentidos de “*gauche*”, aí ocorrem de maneira bem variada. Em Baudelaire, o poeta satânico, “*gauche*” pode estar no sentido mágico de “demoníaco”; em Rimbaud, dada a sensualidade do texto dedicado a Verlaine, “*gauche*” assume um sentido demoníaco, conotado a “pênis”. Seria, portando, uma leitura empobrecida de sentidos, a interpretação do “*gauche*” em Drummond, apenas como “desajeitado, excêntrico, canhestro...”. dada a magia da palavra poética. E Drummond não será o grande poeta demoníaco a desconstruir toda uma “doxa”, toda uma estética tradicional, todo um universo em suas aparências, na inquietude de novas perspectivas, de uma nova cosmovisão, com as portas da percepção abertas para a essência do homem no seu estar no mundo, vasto mundo? Lembrando mais uma vez William Blake<sup>8</sup> “Se as portas da percepção estivessem limpas, tudo se mostraria ao homem tal como é, infinito.” E a poética drummondiana aponta para esse infinito que é o homem, que é a vida, que é o mundo, maior e ao mesmo tempo menor que o seu vasto coração.

As imagens de Deus e do Diabo, em *Alguma poesia*, vão ter suas recorrências nos poemas: Poema de sete faces, Casamento do céu e do inferno, O que fizeram do Natal, Caeté, Igreja, Cidadezinha qualquer, Fuga, Papai Noel às avessas, Outubro 1930, Explicação, Romaria, Poema da

---

<sup>7</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal et autres poèmes*. Paris: Flammarion, 1964, p.38.

<sup>8</sup> BLAKE, William. Opus citado, p.23.

purificação. Na obra poética de Drummond, Deus e o Diabo vão ocorrer cerca de 500 vezes. Há em torno de 350 referências a Deus, e 150 ao Diabo. Publico, em breve, em livro *Deus e o Diabo na poética de Drummond*, um exaustivo estudo, abordando as diversas faces com que o poeta poetizou essa linha temática. E isso já é um resultado advindo da pesquisa que está produzindo esse Dicionário de Drummond.

É interessante observar que, pela seqüência da arrumação dos poemas em *Alguma poesia*, é possível admitir que Drummond tenha elaborado um grande projeto poético, a ser desenvolvido no restante de suas obras, pois todas as forças temáticas de sua poesia, parecem caber, de alguma forma, em *Alguma poesia*. Basta, por exemplo, observarmos: Poema de sete faces ( nascimento-consciência do estar no mundo – consciência poética, Deus e o Diabo; Infância ( início do itinerário); Casamento do céu e do inferno ( está proposto o combate da consciência humana entre Deus e o Diabo), Romaria ( registro da fé inicial, ingenuidade, província). Poema da purificação ( poema que encerra o livro) ( problematização entre o Bem e o Mal, com triunfo do Bem sobre o Mal).

Outros dados que o Dicionário aponta, referem-se à versificação em Drummond. Em *Alguma poesia* observamos:

49 poemas; 206 estrofes; 66 rimas; 36 poemas com rimas; 20 poemas sem rimas; 20 monótimos; 20 dísticos; 30 tercetos; 51 quartetos; 22 quintilhas; 22 sextilhas; 9 heptetos; 9 oitavas; 4 nonas; 6 décimas; 13 versos irregulares.

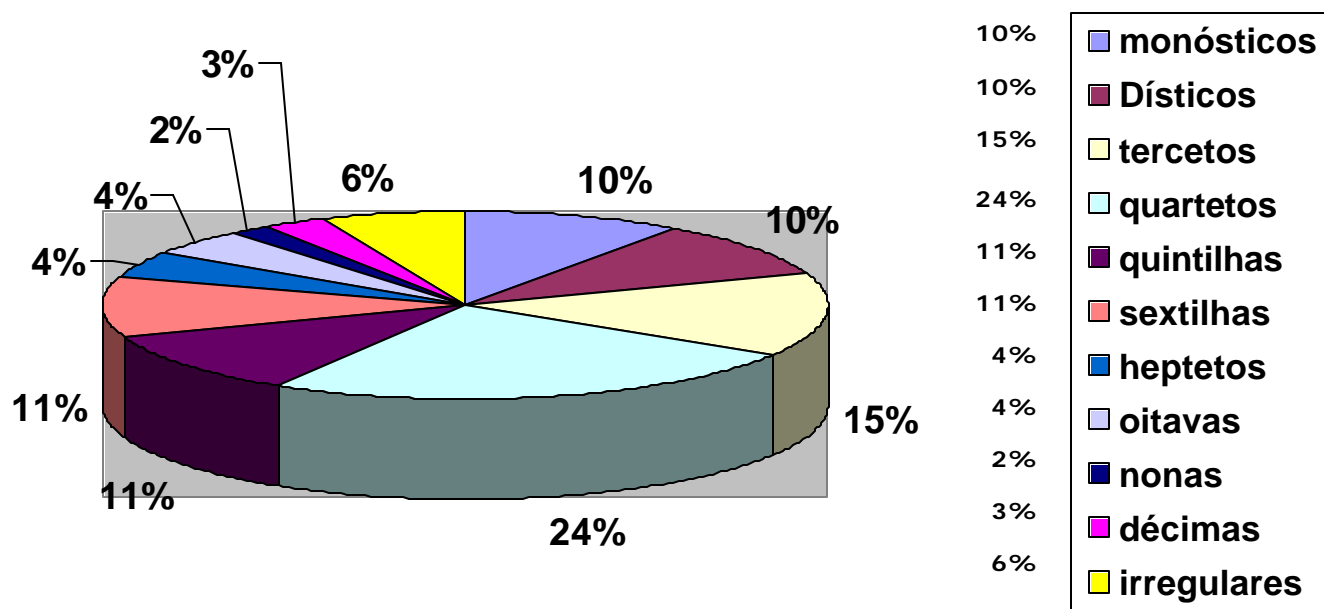
Figura 1 -Quantidade de versos: *Alguma poesia*

Monó- ticos	Dísticos	tercetos	quarteto s	quintilhas	sextilhas	hepteto s	oitavas	nonas	décimas	irregulares
20	20	30	51	22	22	9	9	4	6	13

Figura 2 - Quadro das rimas nos 10 primeiros livros de Drummond

<b>Livros</b>	<b>AP</b>	<b>BA</b>	<b>SM</b>	<b>J</b>	<b>RP</b>	<b>NP</b>	<b>CE</b>	<b>FA</b>	<b>VPA</b>	<b>LC</b>
<b>Poemas</b>	49	26	28	16	69	12	55	24	26	48
<b>Poemas com rimas</b>	36	19	18	12	48	8	37	13	21	25
<b>Rimas</b>	66	42	51	33	89	18	163	68	130	91
<b>Poemas S/rimas</b>	20	7	10	4	21	4	18	11	5	23

Figura 3 – Recorrência percentual das estrofes de *Alguma poesia*.



Com a proposta e os resultados do Dicionário, muitas outras possibilidades de leitura da obra poética de Drummond podem surgir. As recorrências das referências e das camadas sêmicas poderão apontar para isotopias significativas. O grupo de pesquisa por mim coordenado na UnB envolve alunos da pós-graduação, alunos da graduação, bolsistas do PIBIC e professores.

Nosso objetivo é produzir o I volume, envolvendo os 10 primeiros livros de Drummond, até o final deste ano, comemorativo do I centenário de nascimento do poeta. O II volume, envolvendo os restantes livros de poesia deverá ser concluído em 2003. A prosa, incluindo crônicas, contos e histórias aparecerá em 2004.

Penso que estamos contribuindo significativamente para o esclarecimento de muitos aspectos ainda não decifrados suficientemente na produção drummondiana.

## **BIBLIOGRAFIA**

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Volume único. Rio de Janeiro: Aguilar, 2002..

-----, S/Z. Lisboa:Edições 70, 1980.

BAUDELAIRE, Charles. *Les Fleurs du mal et autres poèmes*. Paris:Flammarion, 1964.

BLAKE, William. *The marriage of Heaven and Hell*. Bilingual edition. São Paulo:Iluminuras, 1987.

LORENZ, Francisco Valdomiro *Noções elementares de Cabala*; a tradição esotérico do ocidente. São Paulo:Editora Pensamento, [s.d.].